



**Isabel Ponce de Leão**

**literatura**

14/11/18

Do que passou a existir...

Do que não existe... é prova cabal de que a sua autora não canaliza a atenção para um só assunto, antes liga o radar que viabiliza a interacção entre as várias áreas do saber. Um drone vigilante recolhe as imagens transversais que o saber da autora estuda, reflecte e interliga com mestria privilegiando a máxima de que sem passado não há futuro.

Relevo, no presente ensaio, a consciência plena – e cito o António Ferreira do século XVI, pioneiro nestas coisas – de que “as artes entre si se comunicam / cada uma ajuda a outra em seu ofício”. Em pleno século XXI já não só as artes mas as ciências... e tudo. O seccionamento de saberes gera o autismo, a ignorância e o isolado umbilicalismo, génese da negação do humanismo inerente ao conhecimento, base da nossa vida e da nossa felicidade. Não haverá dúvidas de que o ser humano procura ser feliz. Essa felicidade gera-se na cultura que o humanismo suporta, amplia e enobrece. Não será despiçando evocar o Renascimento como um dos momentos áureos da história do Homem!

Ora Do que não existe... assume logo no título um projecto desafiador, arrojado e claro. Não há aqui mais do mesmo. Há um cânone a reinventar; o leitor que o julgue; os riscos são premeditadamente corridos pois a mera assunção do título é, por si só, um acto de coragem de que Annabela Rita tem dado provas ao longo da sua vida pessoal e académica.

É desse acto que falo. O acto de um ensaísmo que, transgredindo o cânone, não o despreza, projectando o futuro não esquece o passado, olhando a literatura estabelece um pertinaz conluio com a sociedade e as diferentes áreas do saber.

No magnífico prefácio que lhe apõe, Miguel Real – porventura uma das vozes mais autorizadas do panorama cultural português – chama, muito justamente, a atenção para a vasta obra de Annabela Rita introdutora de um novo modus operandi na abordagem historiográfica e na crítica literária integrando, como atrás disse, as práticas clássicas num “horizonte estético e cultural mais abrangente do ponto de vista de uma nova análise, pertinente ao século XXI, que designa por interartes”.

Há, na presente obra, uma profunda hermenêutica textual que, sentindo-se orfã, tem a sábia humildade de procurar mecanismos interactivos expandindo-se para fora de si própria. Destarte, o texto funciona como ponto de partida e de chegada, sempre atento aos aportes do drone que ele próprio enviou para novas e diferentes descobertas. Assim, a análise textual resulta de interacções estéticas, históricas, políticas, sociais, míticas, artísticas... Sobrelevo estas últimas em que as diferentes artes plásticas e arquitectónicas reivindicam outras artes, outrora chamadas menores, como a fotografia e o cinema, a dita 7.<sup>a</sup> arte onde todas as outras se movimentam. Tudo sob o chapéu do humanismo que uma sólida enciclopédia cultural sustenta.

A autora de Do que não existe... faz estalar a linearidade do texto introduzindo um novo e despreconceituoso olhar estético acoplador de saberes e, apropriando-me do termo de Miguel Real, “engravidar” a literatura em vez de, como é usual, a dissecar. Desta gravidez nasce o título da presente obra. Não se trata de saber o sexo do feto, mas de se trabalhar para que o parto seja um êxito, para que a criatura ultrapasse o criador expandindo-se pelo mundo que o cerca. Prepara-se o futuro – o que ainda não existe – lavrando-se o presente com aquele hard labour consabidamente inerente à personalidade da autora.

Do que não existe... abre, interessantemente, com epígrafes de Parménides de Eleia, Pascual Jordan, Italo Calvino e Christopher Potter demonstrativas de que o tempo não é factor de clivagem, outrossim angariador de saberes que, conluindo-se com a justiça, a verdade e o humanismo erigem o entrecruzamento, génese da arte. Estas ideias ganham consistência em “Antes de...” e “Moldura” onde Annabela Rita, revisitando a sua própria obra, convoca os mestres clássicos e modernos que sustentam o seu ethos ensaístico formatado na relatividade do saber e no enigma labiríntico viabilizadores da hermenêutica do homem.

Deparei-me com a palavra: “linhagem”, linhagem e respeito pelas metaficções que o ser humano produz e reproduz. Linhagem na interacção da literatura com as ciências de que toma como exemplos, entre outros, passos de obras de Garrett e Cesário, mergulhando também nas tradições populares, na cartografia da simbólica imagética presente nas letras e na arquitectura de um tempo, de todos os tempos e de todos os lugares, de que a célebre Joanhina é a alquímica pedra meã que alicerça todos os saberes e todas as artes pois “de imagens nascem imagens configurando itinerários na sua história e concretizando modelos, cânones estéticos...”.

Prossigo e “Entre a vara do arcebispo e o bordão do Romeiro” os recursos tecnológicos viabilizam a “caça ao tesouro”. Passo vinte horas numa liteira e chego ao Vale de Santarém. Com José Gil e António Quadros sinto Saudades do Futuro. Abrando com António Cândido nas saudades do passado. Perco-me entre a história e a ficção num interminável tutti quanti. Ouço agora o Grito, não de Munch, mas da Folha de Arte e Crítica presencista. Régio confessa-se; a Literatura é Viva; os órficos regressam. A história contextualiza a Mensagem pessoana outrora antecipada pelo Junqueiro da Finis Patriae. Depois, o tempo nega o tempo entre os séculos XIV e XXI. A arquitectura evoca-o detendo-se no Portugal dos Pequenitos que, por vezes, foram grandes. Leio os textos “(Auto)biográficos”. De Pascoaes a Agustina, de Natália a Filomena Barona Beja surge um percurso que os interliga às suas geografias. Tudo de forma cauta, porque a imbricação entre a história e a ficção é agora mais subtil. A autora sabe-o e não cai em veleidades biografistas se pautadas por leviandades.

Escuto a “Tocata”. Já não é só música. É história, é arte, é arquitectura, é diáspora. É o coração de um povo vivo que ostenta as suas memórias e o orgulho de as ter. Os textos tudo escondem, tudo revelam; as folhas esvoaçam e correm a juntar-se nos livros que enformam a tal biblioteca de Babel. Uma Babel nada caótica, mas reivindicativa da disponibilidade do leitor para estas e outras leituras.

Entro “Na cartografia ensaística” e imerjo na meta-crítica; sinto a gestação de um outro ensaio no turbilhão das áreas do saber. Vou reler Do que não existe... Quero saber melhor do que passou a existir.

Comentários: 0